

Leonardo Masaro*

De olhos bem abertos: a ideologia da sociedade industrial segundo Adorno

With wide eyes: the ideology of industrial society according to Adorno

RESUMO

Num de seus últimos textos¹, Theodor Adorno (ADORNO e HORKHEIMER, [1968], 1973) constata uma transformação do fenômeno da ideologia com o advento da sociedade totalmente administrada, apontando para a obsolescência da conceituação marxiana clássica e, indiretamente, também para a lukácsiana. Segundo ele, a ideologia não se apresenta mais como o véu que recobre a realidade, ocultando a dominação sob justificativas falsamente universais, mas como a própria realidade congelada numa imagem fixa, dominação tornada transparente e naturalizada como "o jeito que as coisas são". O objetivo deste artigo é expor como Adorno chega a esta nova conceituação do que é a ideologia, fortemente calcada em seus estudos sobre a propaganda e a personalidade fascistas e sobre o sistema da indústria cultural, entendidos ambos como os principais esquemas organizadores da cultura de massa e responsáveis por uma nova modalidade de reificação da consciência, na qual o que importa é antes a satisfação libidinal proporcionada pela forma específica de relação dos sujeitos com o material ideológico consumido do que o conteúdo nele expresso.

Palavras-chave: Ideologia. Adorno. Sociedade administrada. Cultura de massas.

ABSTRACT

In one of its last writings, Theodor Adorno identifies a transformation in the phenomenon of ideology, brought by the advent of totally managed society, and therefore pointing to the obsolescence of the classical Marxist concept of ideology and, indirectly, to Lukacs. According to Adorno, ideology no longer presents itself as a veil covering reality, hiding social domination under falsely

* Doutor em Filosofia pela USP.

¹ Trata-se de uma série de conferências radiofônicas elaboradas em conjunto com Horkheimer e transmitidas em 1968, publicadas sob o título de *Soziologische Exkurse* (trad. brasileira *Temas básicos da sociologia*, cap. *A Ideologia*)

universal justifications, but as reality itself, frozen in a fixed image – domination becomes transparent and naturalized as “the way things are”. The aim of this article is to explain how Adorno builds this new understanding of ideology, strongly based on his studies of fascist propaganda and on the system of cultural industry. Both are seen as the main organizing schemes of mass culture, creating a new kind of consciousness reification, in which what matters mostly is the libidinal satisfaction brought by the specific form of relationship between subjects and the ideological material consumed by them, instead of the specific content of this material.

Keywords: Ideology. Adorno. Managed society. Mass culture.

O debate frankfurtiano nos anos 30 girava em torno da constatação de uma crise do poder explicativo da teoria marxista clássica. Transformações decisivas em vários níveis da sociedade capitalista ocidental começavam a ser apontadas por estudos como o *Autoridade e Família* de Horkheimer, e pela controvérsia entre Pollock e Grossmann/Neumann sobre uma tendência à crise ou à estabilização da economia capitalista. É da posição tomada por Adorno (e Horkheimer) em relação a estes debates que advirão os subsídios para as formulações ulteriores sobre a ideologia.

De forma geral, Adorno sustentará um diagnóstico de uma larga transformação de época, que chamará de passagem da sociedade e do capitalismo liberais para a sociedade totalmente administrada sob o capitalismo industrial. Trata-se de uma transformação tanto das forças produtivas, resultando numa economia organizada pelo poder centralizador do Estado, quanto das relações de produção, o que dará a base material para pensar a emergência de uma nova figura da subjetividade e, conseqüentemente, uma nova forma de ideologia.

Seguindo basicamente o diagnóstico de Pollock (POLLOCK, 1941), Adorno defende que, devido ao espantoso desenvolvimento das forças produtivas, o capitalismo privado que caracterizava o período do liberalismo clássico (ou seja, até a I Guerra Mundial), no qual a esfera da distribuição ainda tinha um papel determinante - isto é, uma economia na qual o mercado tinha a função de mediar a produção e a distribuição, criando um certo “equilíbrio” entre elas -, evoluiu para um modelo de produção centralizada, no qual o Estado assume um controle direto sobre o comércio, a empresa e o mercado, planejando de antemão a regulação e a expansão da produção e do consumo e com isto subordinando a economia a decisões políticas. Num texto de 1968, Adorno faz uma espécie de balanço das transformações do capitalismo, explicitando de forma mais sistemática uma série de pressupostos de seus trabalhos já desde os anos 1930, mas que neles apareciam de forma fragmentária. Diz o pensador que,

por toda parte e para além de todas as fronteiras dos sistemas políticos, o trabalho industrial tornou-se o modelo de sociedade. Evolui para uma totalidade, porque modos de procedimento que se assemelham ao modo industrial necessariamente se expandem, por exigência econômica,

também para setores da produção material, para a administração, para a esfera da distribuição e para aquela que se denomina cultura. (ADORNO, 1986, p. 68)².

Como consequência dialética, as relações de produção também se modificam por força destas novas exigências econômicas. Isto significa que

a sociedade é capitalismo em suas relações de produção. Os homens seguem sendo o que, segundo a análise de Marx, eles eram por volta da metade do século XIX: apêndices da maquinaria [...] obrigados até mesmo em suas mais íntimas emoções a se submeterem ao mecanismo social como portadores de papéis. (ADORNO, 1986, p. 68).

Contudo, estes papéis sociais já não são mais os mesmos. Na sociedade liberal, a realização do valor através da mediação do mercado propiciava uma forma de individualização burguesa forte e ascética, capaz de refrear seus impulsos em nome do trabalho duro visando a acumulação, e também formava uma capacidade reflexiva abstrata, instrumento para julgar as oportunidades mais vantajosas na economia das trocas e no planejamento privado da produção. Analogamente, também o proletário se via, por força da exploração, induzido a uma disciplina de trabalho ascética, e, dizendo de forma grosseira, a alguém como Lúkacs parecia faltar-lhes "apenas" o poder da reflexão concreta para guiá-los a uma prática revolucionária que realizaria aquilo que o sujeito burguês possuía apenas abstratamente, como promessa (LUKACS, 2003).

Porém, com a emergência de uma sociedade amplamente industrializada, dirigida e administrada de cima a baixo, estas características subjetivas tornam-se disfuncionais e vão sendo paulatinamente substituídas. A centralização econômica transforma o proprietário privado burguês em empregado do grande truste empresarial; sua personalidade forte é paulatinamente minada pela aquiescência à hierarquia de comando, e sua capacidade reflexiva, mesmo abstrata, é abortada pelo nivelamento psicológico advindo da pressão pelo consumo padronizado, forma de escoamento da enorme produção que tem que realizar o seu valor. Quanto ao proletário, o desenvolvimento material propiciado pelo avanço das forças produtivas permite comprar sua rebeldia com um nível de consumo próximo ao da classe média, e a ética do trabalho torna-se ética do devotamento à hierarquia social e à promessa nem sempre realizada de ascensão social após anos de subserviência³. É este novo contexto social que permitirá (e exigirá) uma crítica da concepção marxista clássica da ideologia.

² Neste texto de 1968, intitulado *Capitalismo tardio ou sociedade industrial?*, Adorno faz uma espécie de balanço das transformações do capitalismo, explicitando de forma mais sistemática uma série de pressupostos de seus trabalhos já desde os anos 30, mas que neles apareciam de forma fragmentária.

³ É claro que Adorno pensa a partir da experiência do Welfare State norte-americano e europeu, nem de longe aplicável à periferia do sistema. Ademais, como indica o prefácio da edição de 1969 da *Dialética do Esclarecimento* ("o desenvolvimento que diagnosticamos neste livro em direção à integração total está suspenso, mas não interrompido; ele ameaça completar-se através de ditaduras e guerras" (ADORNO & HORKHEIMER, 1973, p. 10), Adorno parece ter percebido que o colapso para o qual caminhava, já nessa época, o Estado de Bem-Estar Social.

Da falsa consciência à entificação do existente

Para Marx e Engels, lidos através de Adorno, a ideologia é uma justificação falsa para um estado de coisas confuso, contraditório, mas não desconhecido; sua função é ser discurso político que ganhe o reconhecimento e o apoio político necessários para a manutenção do *status quo*.

A ideologia, como conseqüência objetivamente necessária e ao mesmo tempo falsa, como entrelaçamento inseparável de verdade e inverdade, que se distingue, portanto, tanto da verdade total tanto quanto da pura mentira [...] é, com efeito, justificação. Pressupõe, pois, seja a experiência de uma condição social que se tornou problemática e conhecida como tal, mas que deve ser defendida, ou então, por outro lado, a idéia de justiça sem a qual aquela necessidade apologética não subsistiria. (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 191).

Esta forma da ideologia aparece como justificação da dominação material e política através da apresentação falsa de idéias universais como verdadeiramente realizadas nas instituições burguesas. Assim, por exemplo, o aparato jurídico de controle é apresentado como realização da justiça; a democracia representativa burguesa, como realização da idéia do governo isonômico de todos os cidadãos. A esta ideologia que justifica a contradição da sociedade corresponde uma subjetividade reificada que aparece na figura da "falsa consciência", isto é, de uma consciência que internaliza a contradição real. A contradição presente na própria coisa (nas relações sociais) aparece distorcida à consciência, que, no entanto, não se apercebe disto, e crê-se a si própria como inteiramente verdadeira, quando na verdade possui em si mesma um momento de falsidade. A contradição desta figura da consciência é tomar o particular que ela experimenta como realização verdadeira do universal a que ela aspira.

A crítica da ideologia, neste contexto, "é negação determinada, confrontação de entidades espirituais com sua realização." (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 192). Ela é possível porque a falsa consciência possui, além de um momento de falsidade (a apresentação do universal como efetivamente realizado), um momento de verdade, que é justamente a presença, no discurso justificatório, do universal que deve ser realizado. A crítica consiste em fazer ver que este universal não se encontra efetivamente realizado, e que sua realização depende de uma revolução na organização material da sociedade. O momento de verdade é a permanência, neste discurso ideológico, da emancipação humana (o conteúdo das idéias universais) como finalidade da práxis social.

Portanto, a condição para a ideologia constituir-se como falsa consciência é esta pretensão de substancialidade do espírito. Neste contexto, a crítica da ideologia só é possível se a consciência puder se formar, quer dizer, adquirir reflexividade, negar sua base social e desvelar as condições objetivas ocultas que fazem com que a sua pretensão de autonomia se revele falsa. O pressuposto é que haja "um produto espiritual [que] surge do processo social como algo autônomo, substancial e dotado de legitimidade." (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 200), e que, como tal, contenha em si um momento ideológico de não-verdade mas também um momento de verdade, justamente a pretensão de autonomia do espírito, sua

reflexividade fundamental. Se há pretensão de autonomia espiritual, há também “uma consciência que é algo mais que a simples marca deixada pelo que é, e que trata de penetrá-lo.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 200).

Porém, com a fragilidade do espírito decorrente da mercantilização total da cultura, e com o minguar de sua pretensão de autonomia oriundo das modificações já apontadas da estrutura social – que não se preocupa mais com sua legitimação enquanto sociedade civil (e portanto não reflete mais sobre si própria), mas apenas impõe-se como hierarquia social – cria-se um mundo no qual “a cultura como privilégio e o acorrentamento da consciência pela educação impedem propriamente às massas a experiência das formações espirituais.” (ADORNO, 1970, p. 223). Assim, “o mundo do espírito adquire um caráter efêmero, pálido, impotente; frente à realidade atual, não pode manter intacta sua pretensão de substancialidade, que era aceita sem discussões na cultura civil do século passado [séc. XIX]” (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 199). Alijado o espírito objetivo deste traço de reflexividade antes característico seu, engendra ele agora uma forma regressiva de consciência reificada que, impotente para descolar-se do imediatamente dado, naturaliza o existente como algo inescapável; a realidade aparece não como produzida mas como já dada e totalmente pré-classificada, e o único trabalho dos sujeitos agora é enquadrar-se. De véu que ocultava a realidade, a ideologia se transforma na própria realidade apresentada como imagem fixa e inalterável.

Neste quadro, aquela forma de individuação em curso, calcada num eu forte e reflexivo, que submetia tudo a um julgamento fundado apenas em critérios que pudessem ser reflexivamente apreendidos e justificados, cede lugar um processo de individuação calcado numa imitação da totalidade social representada nos produtos ideológicos. Tal processo culmina num eu fraco, numa pseudo-individualidade, na qual a particularidade não consegue se afirmar, mas se vê dominada pela totalidade social à qual lhe é exigida incondicional integração.

Tal é, resumidamente, o conteúdo da crítica de Adorno à noção marxista clássica de ideologia. Mas que elementos lhe permitiram, objetivamente, visualizar tais mudanças na realidade social? Como construiu ele tal noção de ideologia como entificação do existente? Ora, foi através de cuidadosa análise crítica dos mecanismos ideológicos do fascismo e da indústria cultural que proveio a substância de tal conceituação da ideologia. Ao fazê-lo, Adorno consegue responder a uma questão muito importante, decorrente de sua própria crítica à noção marxiana clássica de ideologia: se para a falsa consciência o engodo ideológico consistia na crença (falsa) de uma realização presente da particularidade por ela aspirada, a qual permitia canalizar os tais impulsos de particularização para a reafirmação da totalidade social, qual o destino desses impulsos numa sociedade na qual a particularidade não encontra mais nenhum espaço para se afirmar, mesmo que falsamente? Eles, como expressão da natureza interna, não podem ser simplesmente apagados ou eliminados; deve haver um esforço do sujeito, mesmo que inconsciente, em reprimi-los ou desviar sua satisfação para algum substituto. Como isso acontece? Como podem os sujeitos se engajar contra si próprios? Se no modo clássico de ideologização a consciência era falsa porque inconsciente da totalidade social, agora que esta se apresenta transparente à consciência, qual o mecanismo ideológico que faz com que os sujeitos adiram a algo explicitamente contra si mesmos?

O fascismo como técnica de manipulação do inconsciente das massas

Para sujeitos cujo protocolo de constituição da identidade é a identificação direta e sem mais com o existente, o que os guia é antes o desejo de suportar a realidade dada mais facilmente do que a convicção (falsa ou verdadeira) de agir autenticamente segundo o interesse próprio refletido. Buscam uma satisfação compensatória, e não uma justificação, para a realidade opressora vivida. É tal constituição subjetiva das massas que permitiu, segundo Adorno, seu amplo engajamento em movimentos políticos nazi-fascistas desprovidos de qualquer conteúdo ideológico minimamente coerente. Assim, a eficácia de tal forma de ideologia autoritária deve ser buscada na capacidade de mobilizar as fragilidades psicológicas inconscientes das massas segundo os interesses políticos mais ou menos velados dos agitadores fascistas.

Tal concepção da economia libidinal das massas totalitárias e das técnicas de manipulação psicológica, bem como sua origem no próprio processo de “intervenção” (*Aufhebung*) do esclarecimento em dominação, são pensadas por Adorno em certos textos da década de 40 e 50⁴. Se uma análise completa de tal operação conceitual obviamente ultrapassa do escopo deste texto, é, não obstante, possível, esboçar aqui as teses principais relativas ao tema, e seu papel na construção da teoria adorniana da ideologia.

A propaganda fascista funciona como uma espécie de “psicanálise às avessas”: através de seus dispositivos, age como satisfação substitutiva aos desejos de particularização negados aos sujeitos pela estrutura social, e com isto promove um falso fortalecimento do eu. Falso porque reforça suas defesas ao invés de abalá-las, porque não engendra uma verdadeira individualidade, mas apenas permite ao eu canalizar sua inadequação; ao invés de reconciliar, apenas aprofunda a cisão do eu com sua própria natureza interna.

Para tal funcionamento, “o método, o como, é mais que importante que o conteúdo, o que.” (ADORNO, 1975, p. 38). Comumente, os discursos fascistas não se estruturam em séries de argumentos, mas numa mera aparência de coerência lógica, numa sucessão de idéias sem nexos (*flight of ideas*), cujas “chamadas ‘conclusões’ são convicções pré-existentes” (ADORNO, 1975, p. 43) dos ouvintes. A eficácia de tal procedimento advém do fato dele dispensar os ouvintes do esforço de pensar, ao apresentar-lhes o chavão já conhecido como admiráveis conclusões do pensamento. Na verdade, o fiel da balança está em outro nível: no nível inconsciente. A emocionalidade expressiva do orador fascista, a pompa de sua cerimônia, a ênfase desmedida em fatos secundários ou em julgamentos morais, tudo isso tem o intuito de fisgar o ouvinte pelas costas, pelos seus mecanismos inconscientes. Daí o caráter personalizado de tal propaganda: é preciso que haja identificação entre a massa e o líder para que a manipulação se efetue, e é o meio de tal propaganda, mais do que seu conteúdo, que funciona como veículo da identificação.

⁴ *Research Project on Anti-Semitism (1941); The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radio Addresses (1943); Anti-Semitism and Fascist Propaganda (1946); Elementos do Anti-Semitismo (1947, in: Dialética do Esclarecimento); The Authoritarian Personality (1950); Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda (1951)*

Tal personalização aparece de duas formas: primeiro, no próprio conteúdo do discurso fascista, que nada tem de objetivo, mas redundando geralmente em considerações morais sobre a audiência e sobre a pessoa do líder; ausente de conteúdo real, instrumentaliza chavões desgastados e imediatamente reconhecíveis, como "o interesse humano", "os bons e velhos tempos", o líder como "portador da mensagem", "os inocentes perseguidos", "o lobo solitário" na causa da verdade, etc., como iscas para o engajamento emocional das massas. Segundo, o líder aparece sempre como alguém muito acima do comum e da auto-imagem das massas, alguém forte, admirável, capaz de zelar por elas. O poder desta irreal personalização do líder se calca no desamparo da massa frente ao declínio da figura da autoridade na sociedade administrada; e "apenas a imagem psicológica do líder está apta para reanimar a idéia do todo-poderoso e ameaçador pai primevo." (ADORNO, 2004, p. 139). Como o próprio líder não está à altura da autoridade do pai primevo nem de nenhuma das figuras históricas representantes da autoridade, tal identificação se processa de modo ambivalente, segundo um modelo que Adorno chamou de "pequeno grande homem": o líder fascista "sugere ao mesmo tempo onipotência e a idéia de que ele é apenas mais um membro do povo." (ADORNO, 2004, p. 142). Mas isto, ao invés de fragilizar a imagem do líder (pois ela estampa o fato indelével de que ele não está acima de seus seguidores), "ajuda a realizar um milagre social. A imagem do líder gratifica o duplo desejo do seguidor de submeter-se à autoridade e de ser autoridade ele mesmo." (ADORNO, 2004, p. 142). O recurso à personalização atua assim como compensação à impessoalidade da ordem social: desvia, para os objetivos políticos do movimento fascista, a angústia de não se poder apontar claramente, imagem à vista, quem é a autoridade e nem quem é o inimigo.

Esta forma de identificação não segue, porém, a forma clássica da identificação burguesa com a autoridade descrita por Freud (cujo primeiro objeto é o pai), pois as modificações já aludidas da estrutura social culminaram num declínio do poder de autoridade da imago paterna, e numa conseqüente semiformação do eu (Adorno fala de "átomo sociais pós-psicológicos que compõe as coletividades fascistas." (ADORNO, 2004, p. 152). No lugar duma identificação que interioriza o objeto como superego, assumindo-o como modelo ideal de existência que o eu deve buscar tornar-se, surge uma forma de identificação que um filósofo contemporâneo chamou de "crença exterior" (ZIZEK, 1992, cap. I): as massas fascistas "não se identificam realmente com ele [o líder], mas representam esta identificação, representam seu próprio entusiasmo, e participam então na performance do seu líder." (ADORNO, 2004, p. 152). Numa sociedade cuja irracionalidade é cada vez mais transparente, as massas já não podem mais sustentar a crença de efetivamente corresponder a seus ideais. Agora,

é através desta performance que elas atingem um equilíbrio entre suas necessidades instintuais continuamente mobilizadas e o estágio histórico do esclarecimento que elas alcançaram, que não pode ser revogado arbitrariamente." (ADORNO, 2004, p. 152).

A mimese substitui a crença, e o imperativo do "parecer com", aquele do "dever ser". Na medida em que o objeto dessa imitação são os modelos mais

conservadores proclamados pelo *status quo*, a ideologia fascista é uma forma de identificação com o existente.

A indústria cultural: o existente como autoridade

O segredo do sucesso do fascismo é a habilidade de suas lideranças em processar um tipo de identificação com a massa ao assumir o lugar de uma figura de autoridade. Em essência, o mesmo dispositivo é que sustentará o poder ideológico exercido pela indústria cultural, com a diferença que a identificação se dará não com a figura do líder, mas com o imediatamente existente, representado nos filmes, programas de tv, colunas de astrologia, histórias em quadrinhos, revistas de fofocas e demais produtos que formavam o sistema da indústria cultural àquela época. Adorno elabora tal tese numa série de textos da década de 40, 50 e 60⁵. Tal como na técnica fascista de manipulação do inconsciente das massas, encontramos no sistema da indústria cultural o mesmo propósito de satisfação substitutiva, decorrência das necessidades da mesma figura da subjetividade engendrada pela cultura de massa do fascismo: um eu fraco e semiformado, cuja constituição libidinal é incapaz de sustentar a sublimação pulsional e o trabalho do pensamento necessários para o descolamento reflexivo da realidade imediata. Essa deficiência de formação se explica pelo fato de, numa sociedade atomizada como a industrial, os produtos da indústria cultural assumirem o caráter de meio de socialização:

em sociedades secundárias, as pessoas não mais 'vivem juntas' nem se conhecem diretamente, mas estão relacionadas umas com as outras através de processos sociais intermediários objetificados (por exemplo, a troca de mercadorias). (ADORNO, 2001, p. 48-9)⁶.

Assim, é pelo compartilhamento de uma experiência do que é a realidade, obtida indiretamente pela sua representação nestes produtos, que estes sujeitos se constituirão; como esta experiência não lhes fornece elementos que permitam o descolamento do existente já dado, mas ao contrário, apenas reforça a sua naturalização, estes sujeitos tendem a enxergar a realidade segundo modelos pré-formados e nunca questionados. Tudo se passa como se, numa realização perversa do sujeito transcendental, as categorias do entendimento de tais sujeitos industrializados fossem obtidas pela síntese de uma experiência morta, congelada e sempre repetida em cada fenômeno/produto percebido/consumido:

a função que o esquematismo kantiano ainda atribuía aos sujeitos, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. [...] Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 117).

⁵ *A indústria cultural* (1947, in: *Dialética do Esclarecimento*); *The Stars Down to Earth* (1952-3); *Prólogo à Televisão e A Televisão como ideologia* (1952-3); *How to look at television* (1954); *Televisão e Formação* (1963); *Résumé sobre a indústria cultural e Transparências do filme* (1967)

⁶ "Em sociedades secundárias, as pessoas não mais 'vivem juntas' nem se conhecem diretamente, mas estão relacionadas umas com as outras através de processos sociais intermediários objetificados (por exemplo, a troca de mercadorias)" (ADORNO, 2001, p. 48-49)

Esta pré-classificação acontece porque a ordem social aparece reproduzida, na forma de imagem, nos produtos culturais. O principal mecanismo desta reprodução é o pseudo-realismo que caracteriza esses produtos. Eles nunca descuidam de sempre apresentar uma duplicação do existente nos seus mínimos detalhes, um realismo no qual importa menos a verossimilhança do que a reprodução idêntica, "prova fotológica" (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 118) da continuidade indistinta entre o real e sua imagem:

Quanto maior a perfeição com que as suas técnicas [as da indústria cultural] duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 118).

Como estes produtos, contrariando a aspiração de verdade da obra de arte, mimetizam a ausência de particularidade da sociedade administrada ao reproduzirem o todo social, o espaço para a reflexão se vê estrangulado, pois já não há mais nada que aponte para a necessidade de se ir além da realidade imediata.

A realidade se torna sua própria ideologia através do feitiço lançado pela sua duplicação fiel. [...] Se o real se torna uma imagem até o ponto em que na sua particularidade ele se torna tão equivalente ao todo quanto um automóvel Ford é equivalente aos outros da mesma série, então a imagem por seu turno transforma-se em realidade imediata. (ADORNO, 2004, p. 63).

Tal borramento da diferença entre aparência e essência induz os sujeitos a uma identificação cínica com a realidade dada, análoga à crença exterior performática fascista: incapazes de arcar com as consequências psíquicas e práticas de uma crença autêntica num ideal, os sujeitos moldados pela indústria cultural apenas imitam aquela conduta que resulta num maior status social, e escolhem acreditar em ideais que possam ser facilmente instrumentalizados como prova de sucessos obtidos. Escolhem um ideal que pareça com os modelos imitados, e assim eximem-se de ser realmente o que ele exprime; o ideal só é bom enquanto confirmação de uma posição socialmente valorizada:

a bem-sucedida fusão entre vida desperta e vida onírica pode no entanto permitir-se uma certa tolerância para com ideais. Eles são aceitos como um a-histórico dado juntamente com outros, e a honra que eles devem à sua oposição à vida torna-se meio de prová-los legítimos e bem-sucedidos elementos da vida real. (ADORNO, 2004, p. 65).

Por causa disso, assim como na propaganda fascista, para a difusão da ideologia fabricada como mercadoria cultural o meio é mais importante que o conteúdo abertamente difundido. Na "perfeição do 'como' técnico, do truque e da apresentação, combinada com a indispensável estupidez do 'que' " (ADORNO, 2004, p. 79) é que reside o segredo da eficiência dessa forma de aprisionamento da consciência. Vejamos então quais são os principais meios estruturantes da obra de arte reificada que é vendida como produto cultural.

O que caracterizava a obra arte na época em que ainda era possível alguma ilusão sobre sua autonomia era a presença, no interior de sua configuração formal, de uma tensão entre os elementos particulares que a constituíam e sua organização num todo coerente. Diferentes modos de resolver essa dialética todo/partes resultavam em diferentes estilos. Mas o estilo da obra de arte fabricada segundo os padrões do sistema da indústria cultural "é a negação do estilo" (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 122): nela não há reconciliação entre o particular e o universal, e por isso dela está ausente a promessa utópica que carrega toda obra de arte verdadeira. No lugar da utopia, a ratificação do existente. Aquela organização temporal dos elementos num todo coerente que era mais do que a soma dos momentos particulares encontra-se nos produtos industrializados alienada em duas formas de fetichismo: um fetiche da totalidade e um fetiche da particularidade, dois lados avessos da espacialização do tempo que transforma a arte em mera imagem do existente.

A fetichização pela totalidade é aquela pela qual a obra de arte se organiza como um todo completamente planejado no qual não há espaço para a particularidade; os elementos da composição se subordinam ao todo, ao invés de manterem com ele uma relação dialética. Desta maneira, a obra de arte assume uma forma padronizada, mera repetição de esquemas de comprovado sucesso comercial. O fetiche da parte é aquele que organiza obra de arte como uma sucessão de efeitos impressionantes, porém desconectados de qualquer sentido maior, apenas justapostos sem ligação orgânica entre si. Estas duas formas de fetiche podem aparecer simultaneamente; na verdade, geralmente o efeito é responsável pelo poder atrativo da obra, enquanto a padronização subjacente impede que ela provoque estranhamento no consumidor.

Essa duplicidade do fetiche tem a mesma função psicológica da ambigüidade do líder fascista (um "pequeno grande homem"). Enquanto os efeitos particulares garantem a ilusão de ser autoridade, a padronização garante a submissão a uma autoridade reconhecida. É que os efeitos são uma simulação da particularidade, um falso "toque de gênio"; além disso, no caso do cinema e da televisão, seu

processo fotográfico, primariamente representacional, [...] mesmo quando dissolve e modifica seus objetos tanto quanto pode, a desintegração nunca é completa. Conseqüentemente, não permite uma construção absoluta: seus elementos, embora abstratos, sempre mantém algo de representacional. (ADORNO, 2004, p. 181-182).

É esta natureza imagética que possibilita a proximidade necessária à identificação; tal como na manipulação fascista, "o dispositivo padrão empregado é aquele da personalização espúria de fatos objetivos" (ADORNO, 2004, p. 172), através do qual aquilo que é socialmente constituído é identificado a qualidades ou defeitos pessoais – como no caso de um filme americano analisado por Adorno, que tem como cenário uma ditadura fascista, no qual toda a dinâmica objetiva do totalitarismo aparece como "conseqüência" do baixo caráter do vilão (ADORNO, 2004, p. 172-3). Já a padronização representa a totalidade social que se impõe contra qualquer expressão de uma particularidade autêntica, esconjurada como desvio. No caso do cinema e tv, esse

modelo para o comportamento coletivo [...] é inerente aos elementos mais intrínsecos ao filme. Os movimentos que o filme apresenta são impulsos miméticos que, anteriores a qualquer conteúdo e significado, incitam os espectadores e ouvintes a entrarem no mesmo passo, como numa parada. (ADORNO, 2004, p. 183).

Que o efeito ideológico destas obras deva ser compreendido a partir de duplos como meio/conteúdo e efeito/padronização é decorrência das múltiplas camadas de sentido presentes nestas obras: "a indústria cultural (...) organiza-se para atingir o espectador em vários níveis psicológicos simultaneamente" (ADORNO, 2004, p. 164), bem como do diferente grau de influência dos níveis consciente e inconsciente. Aqueles sentidos que são da ordem da consciência são apreendidos como o "conteúdo"; porém, o mais importante são aquelas camadas de sentido inconscientes, veiculadas pela identificação provocada pelo "meio" da obra, porque é através dos mecanismos inconscientes de identificação que os sujeitos podem obter uma certa satisfação libidinal. Daí novamente a importância das artes que lidam com a imagem no interior do sistema da indústria cultural: a dimensão da imagem é lugar propício para este tipo de identificação porque fornece um modelo visível que é ao mesmo tempo imperativo a ser imitado e cópia da realidade já existente. Se

um certo número de gratificações que têm um papel no nível oculto [inconsciente] são de alguma forma manifestadas na superfície em gestos, piadas obscenas, situações sugestivas, e outros dispositivos similares (ADORNO, 2004, p. 165),

então o próprio material da obra já porta toda uma série de significações inconscientes.

Conclusão: a ideologia da sociedade industrial

Durante as décadas de 1940 a 1960, Adorno elabora um conceito próprio de ideologia como naturalização do existente, construído através da análise dos mecanismos de identificação com a totalidade social utilizados pela propaganda fascista e pela indústria cultural, nos quais os fatores inconscientes têm um peso decisivo. Pressupondo uma mudança econômica e sociológica em relação à sociedade vitoriana do primeiro capitalismo industrial – a saber, a passagem da economia liberal à monopolista, e da sociedade propriamente proletário-burguesa à sociedade totalmente administrada – Adorno se esforça por apresentar uma explicação para os mecanismos subjetivos de aceitação da dominação social existente à sua época. Ao fazê-lo, constrói um conceito de ideologia que difere do de Marx ao deslocar seu funcionamento, de uma operação de justificação da realidade dada, para uma de imitação desta realidade. Neste novo procedimento, as operações ideológicas não mais se situam na dimensão racional e discursiva, mas na dimensão das identificações inconscientes – o que pede outro modelo de crítica da ideologia, mais afim à psicanálise do que à análise da consciência de classe. Neste sentido, embora fascismo e *american way life/welfare-state* sejam formações sociais sociologicamente diversas, para Adorno ambas compartilham do mesmo sistema ideológico de legitimação da dominação social.

Assim, as sociedades industriais, de qualquer matiz político, são, para Adorno, legitimadas por meio de uma mesma ideologia: um processo contínuo de compensação das fragilidades psíquicas, sociais e econômicas dos indivíduos por meio da identificação com os poderes existentes, que age como confirmação da suposta liberdade, autenticidade e autonomia destes indivíduos. Neste sentido, embora a ideologia da sociedade industrial não possua um conteúdo específico (no sentido que Adorno atribui ao termo "conteúdo"), sua mensagem é sempre a mesma: eu, indivíduo, não sou tão frágil e impotente quanto penso e sinto sê-lo, e sei disso porque tais ideias políticas/mercadorias culturais me fazem sentir um verdadeiro indivíduo, e confirmam, para minha consciência, que simultaneamente tenho autonomia e faço parte de algo maior (a ordem social), pois sou como todos os outros indivíduos livres e corretos são e devem ser. Trata-se de uma ideologia da individuação pelo pertencimento à massa – algo similar, aliás, ao conceito de "sociedade disciplinar" de Foucault (FOUCAULT, 1987).

O que permite chamar este mecanismo de funcionamento ideológico de ideologia própria à sociedade industrial é o fato dele ser continuamente reproduzido por este tipo de sociedade. Seja no discurso político fascista, seja no consumo de mercadorias culturais, há um esforço determinado, por parte dos agentes produtores de ideologia, para transmitir tais mensagens ideológicas, ao mesmo tempo que a massa, que deseja inconscientemente o que está lhe sendo oferecido, se engaja subjetivamente na recepção e replicação destas mensagens.

A ideologia da sociedade industrial é, portanto, para Adorno, o processo psicológico-social específico por meio do qual as sociedades ocidentais do pós-Primeira Guerra, caracterizadas pelo capitalismo monopolista, reproduzem-se enquanto sociedades totalmente administradas. É esta ideologia que lhes garante coesão social e estabilidade – vale lembrar que o nazismo, por exemplo, possuía forte apoio popular e foi derrotado militarmente (ao contrário do regime soviético, que ruiu por dentro).

Referências bibliográficas

- ADORNO. *Crítica cultural y sociedad*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1970.
- _____. *Gesammelte Schriften Band 9 I*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1975.
- _____. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida, Livraria Duas Cidades e Editora 34, São Paulo, 2003.
- _____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel, Vozes, Petrópolis, 1995.
- _____. *Sociologia*. Trad. Flávio Kothe, Aldo Onesti, Amélia Cohn, Editora Ática, São Paulo, 1986.
- _____. E HORKHEIMER, *Sociológica II*. 2. ed. Trad. Victor Sanchez de Zavala, Taurus Ediciones, Madrid, 1971.
- _____. *Textos Escolhidos*. Trad. Luiz João Baraúna e Wolfgang Leo Maar. [s.l.]: Nova Cultura, 1989. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *The Culture Industry*, Routledge. Londres: Nova Iorque, 2004.

_____. *The Stars Down to Earth and other essays on the irrational in culture*, Routledge. Londres: Nova Iorque, 2001.

_____. e EISLER. *El cine y la musica*. Trad. Fernando Montes, Editorial Fundamentos, Madri, 1981.

ADORNO e HORKHEIMER. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo, Cultrix, 1973.

_____. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1985.

APOSTOLIDIS, Paul. *Stations of the Cross: Adorno and the Christian Right Radio*. Duke University Press, 2000.

FOUCAULT, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete, Petrópolis, Vozes, 1987.

JAY, Martin. *Adorno*. Harvard University Press, 1984.

JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*. Rio de Janeiro, F. Alves Editora, 1977.

MARX e ENGELS. *A ideologia alemã*, Editora Hucitec, 1986.

LÚKACS, George. *História e consciência de classe*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

POLLOCK, State Capitalism: its possibilities and limitations, 1941, In: ARATO e GEBHARDT, *The Essential Frankfurt School Reader*. Continuum International Publishing Group, 1982, p. 71 a 94.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. [s.l.]: Editora Difel, 2002.

ZIZEK, *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1992.

Sobre o autor

Leonardo Masaro

Graduado em filosofia pela USP (2006), mestre em sociologia pela UNICAMP (2010) e doutor em filosofia pela USP (2016). Email: leonardomasaro@gmail.com

Recebido em: set/2017

Aprovado em: jan/2018

Como referenciar esse artigo

MASARO, Leonardo. De olhos bem abertos: a ideologia da sociedade industrial segundo Adorno. *Argumentos: Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano 10, n. 19, p. 161-173, jan.-jun. 2018.